

Lygia Pape

Sendo

Mendes Wood DM São Paulo

7 de abril – 1 de agosto, 2026

As muitas formas de ser no mundo

Linhas de força irrompem no espaço como uma coreografia de pulsões e aspirações. A energia que dá liga às coisas – que faz a luz cindir-se em espectros, rege os fluxos da matéria, dá corpo à substância – revela-se por meio de infinitas formas. Esferas que habitam o ar, *grids* cromáticos que desabrocham e vazam da parede, esquemas dinâmicos para uma geometria espiritual e seus incontáveis arranjos possíveis. Diante da obra de Lygia Pape, somos confrontados com esse princípio vital: tudo o que ganha contorno no mundo é a manifestação de uma inteligência que busca, incansavelmente, novos modos de existir.

Sendo – título desta exposição – faz referência a um de seus *Poemas Luz* (1956 – 1957), em que placas de acrílico coloridas e translúcidas flutuam no espaço, justapondo-se. Em um desses planos, lê-se a palavra “sendo” atravessada pela incidência da luz. A escolha do gerúndio indica ação em processo, estado contínuo, algo que não se encerra. É a síntese da natureza de uma obra que jamais se fixou. Como o crítico Guy Brett sempre reiterou, citando uma formulação de Hélio Oiticica, o trabalho de Pape opera como “uma semente permanentemente aberta”: um vetor em expansão que, a cada nova investida, reafirma sua potência de gerar novos modos de ser. Essa abertura irrefreável significa não dispersão, mas coerência profunda, fruto de uma visão artística que compreendia a experimentação radical como condição existencial.

Poucos artistas conseguiram conciliar tamanha pluralidade numa obra tão coesa. A cada lance, o rigor formal e a livre intuição – polos que poderiam se anular – encontram um equilíbrio vibrante. A geometria abstrata e a precisão aritmética vão ao encontro da espirituosidade tropical e da autonomia gestual, desaguando nas múltiplas possibilidades de uma ideia tornar-se fenômeno visível. Sua produção,

portanto, apoia-se em uma faculdade extraordinária de comunicação. As superfícies, as dobras, as justaposições, os contrastes e os jogos ópticos emergem com uma simplicidade elegante que não reduz, e sim joga com o complexo balanço entre a matemática e o que escapa a qualquer cálculo.

Essa potência desponta em toda a trajetória de Pape. A mostra reúne obras que percorrem cinco décadas de produção, indo de uma rara pintura de 1953 – realizada no ano de formação do Grupo Frente – a trabalhos de 2003, um ano antes de sua morte. Já nessa tela inaugural, produzida nos primeiros momentos do movimento concreto no Rio de Janeiro, estão presentes o fluxo energético livre, a efervescência das formas e a urgência do gesto que, alguns anos depois, orientariam a experiência neoconcreta em contraposição à rigidez prescritiva do Concretismo. No outro extremo, os trabalhos finais oferecem o testemunho de uma jornada incessante, de um engenho que nunca deixou de se reinventar. Esse arco temporal evidencia uma obra que se desdobrou continuamente sem perder o vigor original, tornando-se um dos marcos decisivos da travessia do Modernismo para as práticas contemporâneas.

As séries que aqui pontuam esse percurso funcionam como núcleos de investigação em que a artista retorna a problemas fundamentais, sempre por vias renovadas. Nas xilogravuras *Tecelares* (1957 – 1959), a vontade geométrica encontra seu limite nos veios orgânicos da matriz de madeira, formando composições que lembram as negociações espaciais entre placas tectônicas – exercícios bidimensionais que mais tarde iriam influenciar suas criações tridimensionais. Nas variações do *Livro Noite e Dia I* (1963/1976) e *Livro do Tempo* (1965), Pape constrói narrativas por meio de relevos e volumes que tensionam o plano, subvertendo o quadrado com combinações que desafiam

a compreensão linear da luz e do tempo. As peças da série *KV* (1961/1998), feitas de aço inoxidável, usam a superfície metálica e relações de encaixe para transportar a discussão para outro campo de sensações. Essas obras se colocam no mundo como elementos de um alfabeto: unidades formais prontas para serem articuladas em construções semânticas que talvez o próprio idioma não dê conta de abarcar. A escolha pela abstração, longe de restringir, amplia o alcance iconográfico da artista, liberando as formas para que digam mais do que qualquer figuração ou frase escrita poderia.

Em *Ttéia 1, B* (2000), fios prateados são dispostos em organizações esferoidais, delineando volumes cilíndricos que existem entre a materialidade e a pura luminosidade – uma arquitetura de luz que surge como aparição transcendental. Já *Ttéia n° 7* (1991) consiste em um recinto escuro, imersivo, em que duas pirâmides cobertas por pigmento azul descansam sobre tecidos brancos em formato quadrado. Sobre elas, dois focos de luz azul são a única fonte de claridade. De certo modo, é como se a luz imaterial se transformasse em pó, concentrando a energia do lugar e moldando nossa percepção sensorial. São modos de tecer o espaço, criando situações que refletem as experiências anotadas pela artista em suas andanças por ruas, vielas e túneis da cidade. Nas peças da série *Amazonino Vermelho* (1989/2003) e *Amazonino Verde* (1989), estruturas de ferro se projetam das paredes com um entusiasmo fascinante, aludindo a vísceras de animais, brotos de plantas, bolhas de ar ou quedas de água. *Esferas* (2001), obras raras e poucas vezes exibidas, completam esse léxico com uma presença que dissolve as fronteiras entre o objeto e o ambiente que o cerca. São como dispositivos de poder vindos de outro tempo, que abrem seu interior para o mundo, deixando ver – por entre recortes orgânicos – o preto absoluto: vazio primordial, signo da possibilidade total. Ritmo, desníveis, camadas, contrastes e texturas: seja na pintura, seja nos desenhos, nas esculturas ou nas instalações, testemunhamos uma artista que transliterava sensações e emoções na matéria, e que entendia a forma como um organismo vivo, em mutação permanente.

Distribuída entre a Casa Iramaia e o galpão da Barra Funda, a exposição cria dois momentos distintos, com atmosferas complementares. Mais do que um recorte retrospectivo, a mostra propõe a ativação de um sistema de relações entre as invocações energéticas de cada obra.

Ao dispor lado a lado peças emblemáticas e trabalhos raramente vistos, o conjunto evidencia que a força da artista reside não numa uniformidade formal ou numa vontade de representação, mas na persistência de um impulso: o de inventar novas formas de conhecer o mundo. Nesse sentido, a exposição reafirma a relevância de uma artista cujo espírito pioneiro instalou a liberdade e a experimentação como máximas e métodos, expandindo de forma irreversível o nosso entendimento do que a arte pode ser.

A obra de Lygia Pape atrai e envolve de muitas maneiras, até que devora por completo. Mais do que um tratado que se manifesta sobre certos assuntos, é uma obra sobre os muitos modos de se manifestar, sobre as muitas formas de ser no mundo, sobre o poder inesgotável da arte de encarnar o que ainda não tem nome. Aqueles que se deixarem atravessar por ela naturalmente não poderão permanecer os mesmos. Depois de engolidos, voltarão a ser de outro modo – apenas e fatalmente assim: sendo.

– Germano Dushá

Mendes
Wood
DM



mais informações
mapa da exposição